



Ilustração: Diego Corrêa

EDIÇÃO 2024 | Nº 08

AMPLIE

BRASILIDADES



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CULTURA	4 - 11
MURAL	12 -15
MÚSICA	16 - 19
GASTRONOMIA	20 - 23
MEIO AMBIENTE	24 -25
SAIBA MAIS	26 - 27
FALANDO EM NÚMEROS	28 - 29
ENTREVISTA	30 - 33
OFICINA	34 - 35
AMPLIE INDICA	36 - 37
EXPEDIENTE	38 - 39



QUEM SOMOS?

Muito prazer, caro leitor e cara leitora!

Somos a “Revista Amplie: Jornalismo em parceria com a comunidade”.

A Amplie nasceu do desejo de quatro mulheres de colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso de Jornalismo, criando um espaço de aprendizado e produção de conteúdos relevantes. Hoje, nossa equipe cresceu e conta com várias pessoas dedicadas a todas as etapas de produção da revista. O que começou como um projeto pessoal evoluiu para uma iniciativa de extensão vinculada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais.

Nosso objetivo é expandir horizontes para o leitor, trazendo temas diversos que conscientizem e promovam reflexões sobre o mundo em que vivemos. Sabemos que a informação é uma ferramenta poderosa e, quando transmitida de forma consciente, tem o potencial de transformar realidades.

Nesta edição, o tema é Brasilidades. Buscamos explorar a pluralidade cultural e social do Brasil, e esperamos que, com as histórias e vozes presentes nestas páginas, você encontre novos caminhos de reflexão, reconhecimento e debate, celebrando o que nos torna singulares na pluralidade.

ROLÊ DE INTERIOR, O VERDADEIRO AESTHETIC BRASILEIRO

Por Élice Gomes

Traduzido do inglês, *aesthetic* significa estética. O termo refere-se a uma tendência criada pela geração Z, tratando-se de uma forma de expressão, uma definição do estilo visual das pessoas. Esse movimento eclodiu nas redes sociais, especialmente no Instagram e no Tik Tok, e é composto por emojis, filtros, fontes e ângulos, tendo como base o minimalismo e a simplicidade, para criar uma atmosfera tranquila. Pode ser considerado *aesthetic* o que é esteticamente agradável, harmônico e belo, como recortes romantizados do cotidiano, um estilo que remete à ideia de escapismo, permitindo que as pessoas mergulhem em um mundo idealizado.

Dessa mesma tendência, surgiu outra que consiste em mostrar a realidade por trás de todo *aesthetic* exposto nas redes sociais. Na norma-padrão, são considerados pertencentes à nomenclatura apenas rolês “calmos” e em espaços dignos de serem compartilhados no Instagram. Porém, apropriando-se dos seus cotidianos, os jovens têm mostrado o que realmente gostam de fazer: curtir um “rolê de interior”.

É considerada de interior, a média e pequena cidade, que geralmente não oferecem opções de lazer e cultura, como cinema, teatro e restaurantes, mas posso afirmar que em toda cidade interiorana há um velho e tradicional bar. E é nele onde geralmente ocorrem esses rolês, que consistem em sentar numa mesa de plástico com seus bons amigos, tomar uma cerveja, comer um tira-gosto e dar risadas.

A realidade da mais pura brasilidade, que envolve aspectos sociais, culturais e emocionais. Realidade dos afetos entre os copos de cerveja. A ponte que te mantém presente entre as histórias que você escuta e as histórias que você conta.

De acordo com o dicionário, bar é um estabelecimento comercial que serve majoritariamente bebidas, geralmente com um balcão junto do qual se pode beber. Mas esse rolê vai além de embebedar-se, são experiências, celebrações, memórias, encontros, reencontros, cultura e tradição.

DE BRASILEIRO

PARA BRASILEIRO:

VIVER É MELHOR QUE SONHAR E BOBEIRA É NÃO VIVER A REALIDADE!

“A cada palavra sinto a força dos nossos laços, construído ao longo dos anos com base no amor. É nesse momento que percebo a magia do interior. Aqui em um bar na esquina, na simplicidade da praça, encontro tudo o que eu preciso para ser feliz: a companhia das pessoas que amo, a beleza da natureza e a leveza de um dia bem vivido. É aqui que me sinto em casa.” Iasmin Fernandes

“Quando faz o barulhinho da lata ou da garrafa, parece que ali vai embora tudo de ruim. E nem é no sentido alcoólico da coisa mas no sentido de que quando eu vou beber, eu sei que vou estar na companhia de alguém especial, na companhia de um amigo e que além de beber, - que é uma delícia - a gente vai trocar uma ideia, a gente vai estar um pelo outro e o que tiver de ruim vai ficar pra trás porque é impossível sair de uma mesa de bar pior do que você chegou.” Maria Eduarda Drumond

“Quando eu saio no interior, a sensação é de nostalgia. Coisa de bares antigos que eu sentia quando ia com o meu pai, porque quando eu era mais novo, meu pai gostava muito de bar. Ele trabalhava sempre e no finalzinho do dia me chamava pra sair com ele. Já em relação a sair com os meus amigos no interior, a sensação é de tranquilidade. Eu não preciso ficar bêbado pra estar com meus amigos, eu posso beber socialmente e trocar uma ideia muito gostosa e não falar nada que envolva a faculdade ou trabalho, só fofocar sobre os outros ou falar sobre a nossa própria vida.” Gustavo Miranda

CHEFE, SÓ MAIS UMA(S)



O brasileiro mediano: quem nós somos aos olhos de gringos?

Por **Isabella Cardoso**

Muito se diz que, no exterior, o Brasil é só futebol e samba. Todavia, parte dos estrangeiros que já tiveram contato com os brasileiros parecem discordar dessas observações.

Freddy, um influenciador inglês que produz uma série de vídeos sob o título “Parada Inglesa” nos quais mostra (em suas próprias palavras) “o Brasil pelos olhos de um gringo”, recentemente viu um de seus conteúdos viralizar em diversas redes sociais. Nesse vídeo em questão, ele discute a facilidade que brasileiros têm em fazer monólogos e discutir longamente assuntos complexos: “o brasileiro mediano, o brasileiro mais fraco, consegue falar sobre um assunto ‘X’ por tempo indeterminado, de forma confiante”, ele explica. Já nos comentários, os brasileiros dizem nunca terem percebido essa habilidade ou julgavam-na como universal.

Um processo semelhante pode ser visto em outras publicações, nas quais estrangeiros apontam suas características favoritas da cultura brasileira apenas para ter brasileiros reagindo surpresos em as descobrirem. Isso porque, apesar de se mostrarem sempre dispostos a aprenderem sobre a cultura de outros países e compartilharem a sua, os brasileiros parecem consistentemente surpresos quanto aos aspectos da própria cultura: “todos os brasileiros que conheci foram bastante curiosos sobre outras pessoas e culturas, e feliz em contar mais sobre a sua”, diz Korppi Solala (filandês) sobre a primeira coisa que lhe vem à cabeça ao pensar no Brasil.



Fonte: Brasil com S

Diante desse cenário, é interessante pensar sobre outras características que estrangeiros notam ao interagir com brasileiros. É possível aprender muito sobre nossos hábitos e nossos costumes ao analisá-los de uma perspectiva externa. Alguns exemplos notáveis são:

O brasileiro mediano para Shaun Alexander Cumming, jornalista escocesa, é um aventureiro, sempre procurando coisas novas para fazer e lugares novos para explorar. Ele ouve música o tempo todo, tendo uma queda especial por músicas comoventes e felizes. Aliás, ele é uma pessoa feliz em geral, sempre sociável e acolhedor com novas pessoas, disposto a convidá-las para dentro de sua casa mesmo tendo conhecido elas a pouco tempo. Ele adora ir para a praia com seus amigos e é apaixonado por futebol.

O brasileiro mediano para Robin Sparks, escritora estadunidense, está sempre dançando e cantando músicas brasileiras (ele sabe a letra de todas); sua voz é tão suave e lírica que mesmo quando só está falando português é melodioso. Ele não tem vergonha de demonstrações públicas de carinho, e é, na verdade, um romântico incurável bem piegas, mas de um jeito gracioso. Ele é generoso, está sempre fazendo coisas boas para outras pessoas sem esperar nenhum retorno com um sorriso aberto. Além disso, é educado e possui ótimas maneiras, especialmente ao comer.

E, finalmente, o brasileiro mediano de Joe Robinson, articulista estadunidense, está sempre disposto a rir de si mesmo e das dificuldades da vida, não só para tornar a situação mais leve para si mesmo, mas também para levantar o ânimo dos outros. Sua principal prioridade é comemorar, em qualquer oportunidade, e o faz com muita comida deliciosa. Ele é muito afetuoso, fisicamente, e trata a todos como se fossem amigos de longa data ou parte da família.





Brasilidade lúdica:

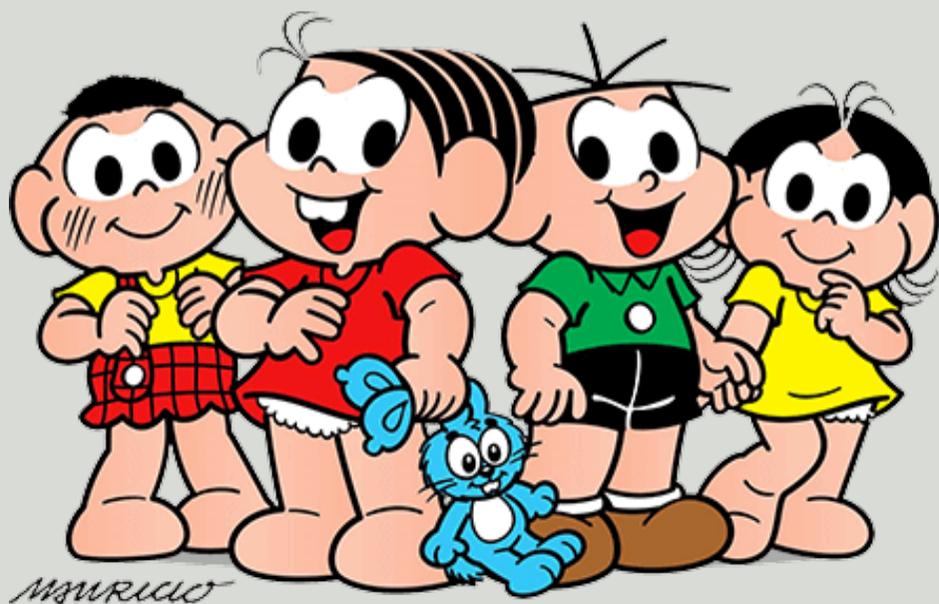
A construção da identidade nacional brasileiro pela fantasia infantil

Por Jairo Levate

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em diversos aspectos, dentre eles, certamente o cultural. Contamos com uma cultura rica e diversa, que abrange com maestria todos os meios de expressão artística, sendo um dos mais prolíferos a literatura infantil, que com grandes escritores e uma admirável gama de títulos, carrega consigo o papel elementar na alfabetização e formação de um público leitor jovem, bem como na formação cultural do brasileiro, além de atuar na nossa construção enquanto público crítico.

Todos temos um clássico favorito da infância, não é mesmo? Desde os problemáticos de Monteiro Lobato, até as coletâneas modernas que buscam trazer maior representatividade. A literatura infanto-juvenil contribui fortemente para nossa formação enquanto cidadãos, resgatando elementos culturais e típicos do nosso país. Apesar de a associarmos ao tempo da infância, se recordamos com atenção, podemos observar que foi por meio dela que fomos apresentados a diversos elementos e conceitos de brasilidade.

Ao traçar uma linha histórica da literatura infantil, percebemos que ela se alinha com o contexto, a mentalidade e os projetos nacionais de sua época, sendo um reflexo da sociedade e da nossa nação. O primeiro grande marco desse segmento são as obras de Lobato, inovadoras em seu tempo por trazer um imaginário tipicamente brasileiro. Baseadas em nossa mistura cultural, trazem à tona elementos folclóricos como o Saci e a Cuca, quebrando com a norma da época que fazia simulações das obras europeias, definindo um novo padrão para as obras infantis: a construção de um universo em um cenário genuinamente brasileiro, com elementos de fantasia que, de certa forma, foram um precursor do realismo mágico; ao mesmo tempo que carregam as mazelas de sua época. Possuem ideias eugenistas de supremacia branca e de um suposto Brasil malfadado pela miscigenação, tendo claro exemplo a caracterização da personagem Tia Anástacia, representada como inculta e supersticiosa, que trabalhava em condições análogas à escravidão e sempre colocada como medrosa e “burra” em oposição a sábia matriarca Dona Benta. Essas personagens, assim como outras



do autor, refletiam a política de embranquecimento da época, embasada na crença de que pessoas negras traziam atraso à nação e que era necessário um país mais branco, para que se chegasse ao desenvolvimento.

Obras infanto-juvenis posteriores mantiveram o espírito de apresentar a identidade nacional para as crianças, mas trazendo inovações na forma de contar as histórias das mudanças na sociedade e na mentalidade das pessoas. Trouxeram para si a responsabilidade de representar a sociedade enquanto introduziram as crianças ao mundo da leitura. Depois de Lobato, tivemos autores de destaque como Pedro Bandeira e Cecília Meirelles, que trouxeram, aos seus modos, o lúdico junto da brasilidade. Contudo, os de maior destaque nos últimos tempos e que contribuíram fortemente para o letramento das últimas gerações, dando uma nova identidade ao entretenimento infanto-juvenil nacional, são os mestres Maurício de Souza e Ziraldo. Ambos construíram seus universos em períodos de grandes mudanças políticas e sociais, e suas obras são reflexos disso. Seus personagens são diversos e levam as diferentes realidades brasileiras ao estelato, destacando as assimetrias da nossa nação em todos os sentidos de etnia e origens.



O CANTO DA CIDADADE



Por Élice Gomes

CARNAVAL

Uma das principais tradições da cultura brasileira é o carnaval, que, além de reunir milhões de brasileiros para essa grande celebração, atrai a atenção de turistas de todas as partes do mundo. É assim como parte de outras tradições, chegou ao Brasil por meio dos portugueses no período da colonização. Entretanto, uma das primeiras manifestações carnavalescas foi o “entrudo”, uma festa popular que se assemelhava a uma brincadeira, em que os participantes lançavam uns nos outros farinha, limões de cheiro, baldes de água e outros líquidos mal-cheirosos. Essa prática decaiu por repressão policial, dando, assim, lugar ao moderno carnaval brasileiro que, com o tempo, foram surgindo grupos responsáveis por conduzir as festas de rua e, no século XX, os carros alegóricos e o samba tornaram-se fundamentais para esse evento.



Prefeitura de Olinda/Reprodução

DANIELA MERCURY

O carnaval tem vozes que ecoam no Brasil inteiro, uma delas é a de Daniela Mercury. Uma das mais importantes cantoras da música baiana, ela surgiu como um verdadeiro furacão nos anos 90; foi vocalista da Banda Eva e backing vocal da banda de Gilberto Gil, tornando-se, posteriormente, uma referência dessa festividade. Todavia, seu reconhecimento veio quando suas músicas “Swing da cor” e “Menino do pelô” foram sucesso nacional. Seu segundo álbum, “O Canto da Cidade”, bateu recorde de vendas, e músicas como “O mais belo dos belos” e “Batuque” tornaram-se conhecidas no mundo.

Quando conduziu um trio elétrico pela primeira vez, era inimaginável uma mulher cantar em um bloco grande como voz principal, já que a voz feminina era considerada aguda demais pelos associados para executar essa função, mas pela resistência e pela aptidão, tornou-se uma referência.

Conhecida como Rainha do Axé, título dado pelos fãs e por outros artistas que reconhecem a coragem, o desejo de mudança e a renovação da vertente da música brasileira feita na Bahia, Daniela considera a alegria como uma coisa séria e arrasta multidões em seus shows, que apresentam como principal característica o fato da artista ser incansável no palco.

Para ela, o carnaval significa a festa de celebração da cultura popular brasileira: "é um momento de espontaneidade, de expressão importante, momento de conexão e também um um grande momento de se encontrar e de sonhar com uma democracia mais horizontalizada, de mais igualdade."

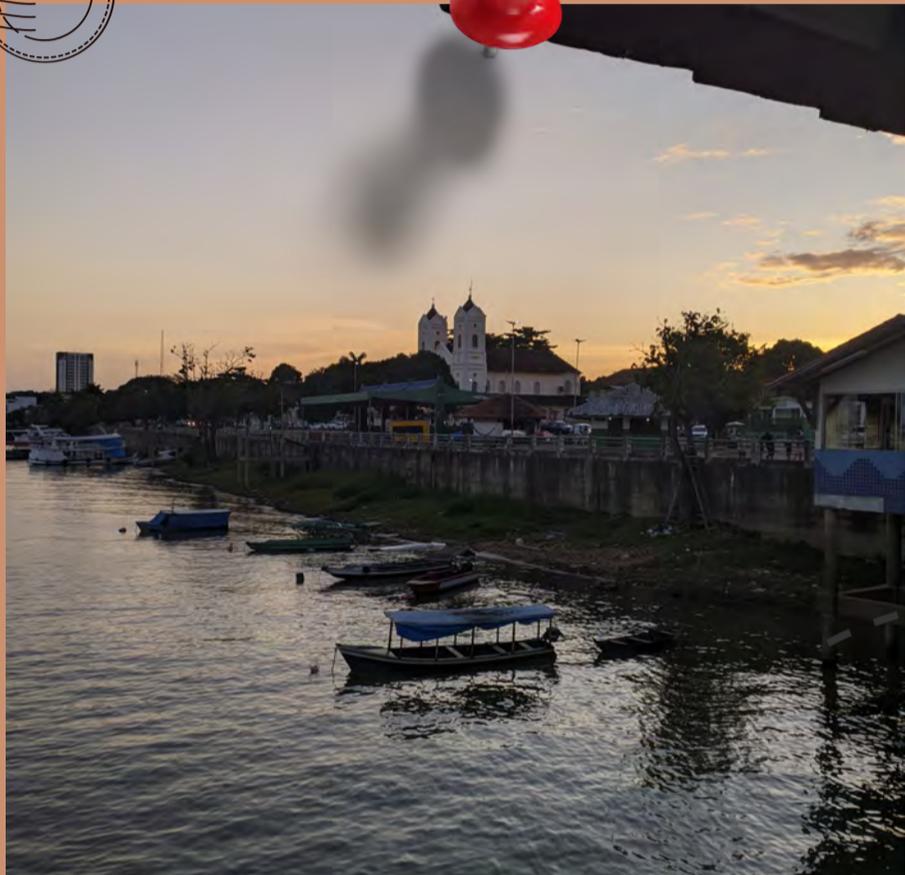
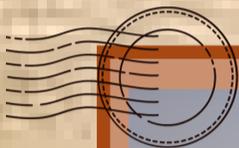
Aos 59 anos de idade e 41 anos de carreira, está espalhada pelo país como uma figura para além da própria música. Cantora, compositora, bailarina, empresária e produtora musical, ela também se destaca como ativista social e defensora dos direitos humanos. Daniela faz questão de participar de todos os arranjos de suas gravações, pesquisar timbres e valorizar o conceito de cada trabalho com suas referências de cultura brasileira e de influência afro que traz como raiz, promovendo a inclusão e a diversidade por meio de sua arte.

Impossível falar de brasilidade e não falar sobre o carnaval, do mesmo modo que é impossível falar do carnaval e não falar sobre Daniela Mercury! Mais do que pioneira, é baiana que carrega no peito o samba e o direito de se indignar. Por isso, segue sambando e acreditando na brasilidade.



BRASIL EM VERSOS E PAISAGENS

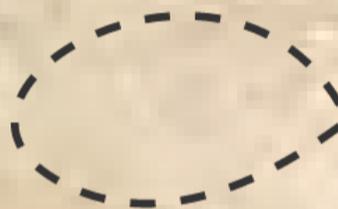
R J



Num poema, ninguém há que conte. Toda a história das tuas formosuras. Itaituba, ó "Cidade Pepita", soberana do Río Tapajós. Cada dia tú és mais bonita, pondo orgulho e esperança em nós. - Hino de Itaituba. A imagem é da Orla da cidade, nas margens do rio, mas atrás tem a Catedral de Sant'Ana. Toda vez que sinto saudades de casa, abro a galeria e vejo essa foto.

Por Amanda Dutra - @eumandi7

M G



Por Mateus Valente



Por Willian Patricio



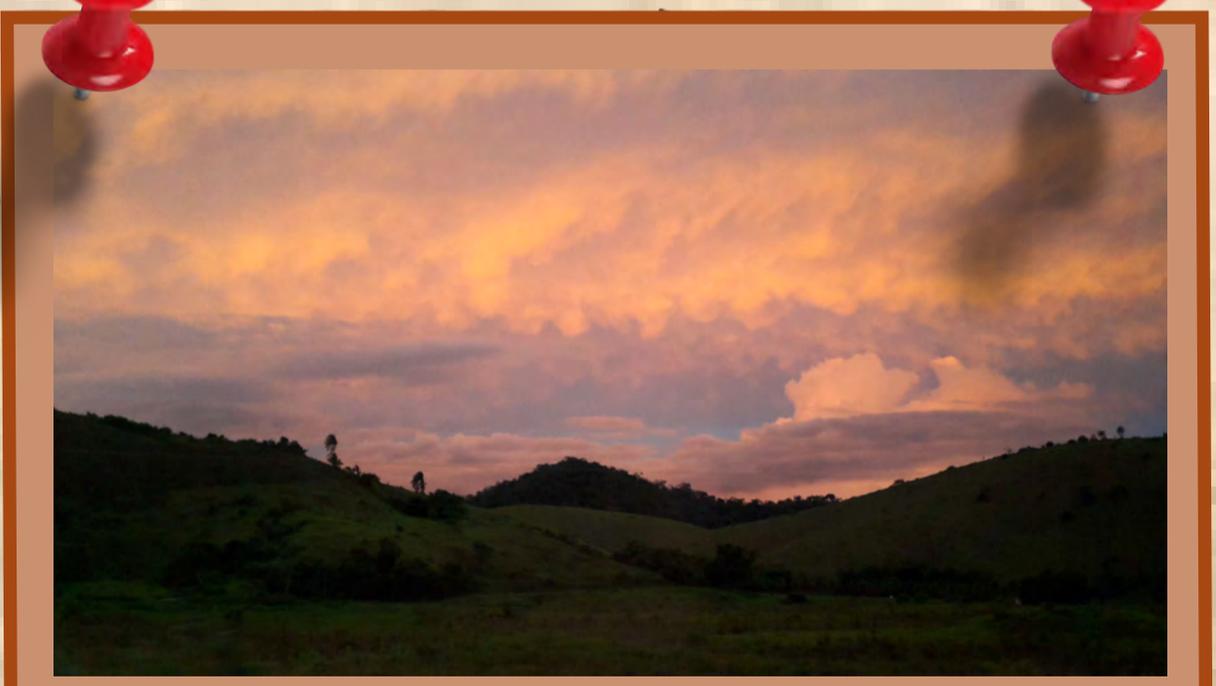


Bitarães



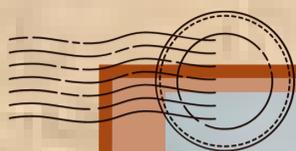
Museu da Inconfidência (Ouro Preto/MG): uma visão contemporânea, mas que nos faz refletir sobre séculos passados de lutas e de história.

Por Luis Felipe Furtado



O entardecer em meio aos mares de morro no interior de Minas Gerais

Por Carolina Barreiros - @cb.barreiros

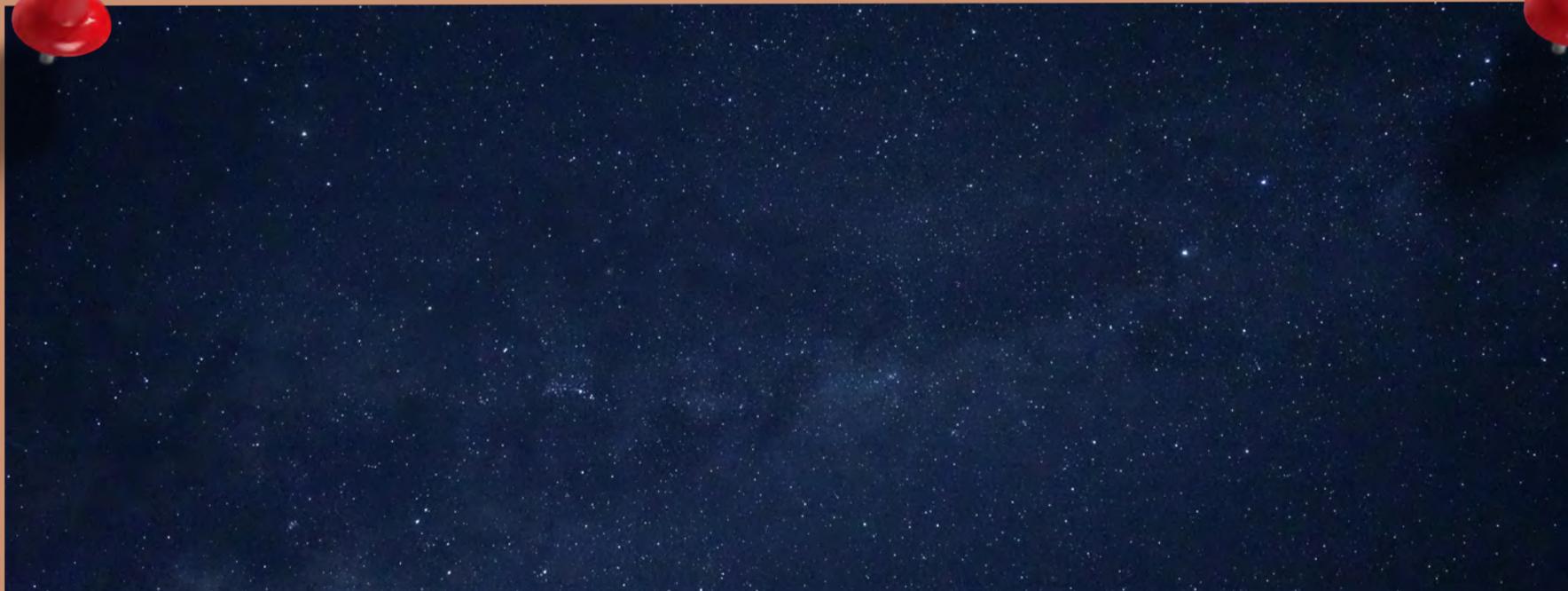


Nuvens, gaivotas e mar: a calma do entardecer no litoral

Por Carolina Barreiros - @cb.barreiros



Por Mayra Adriane



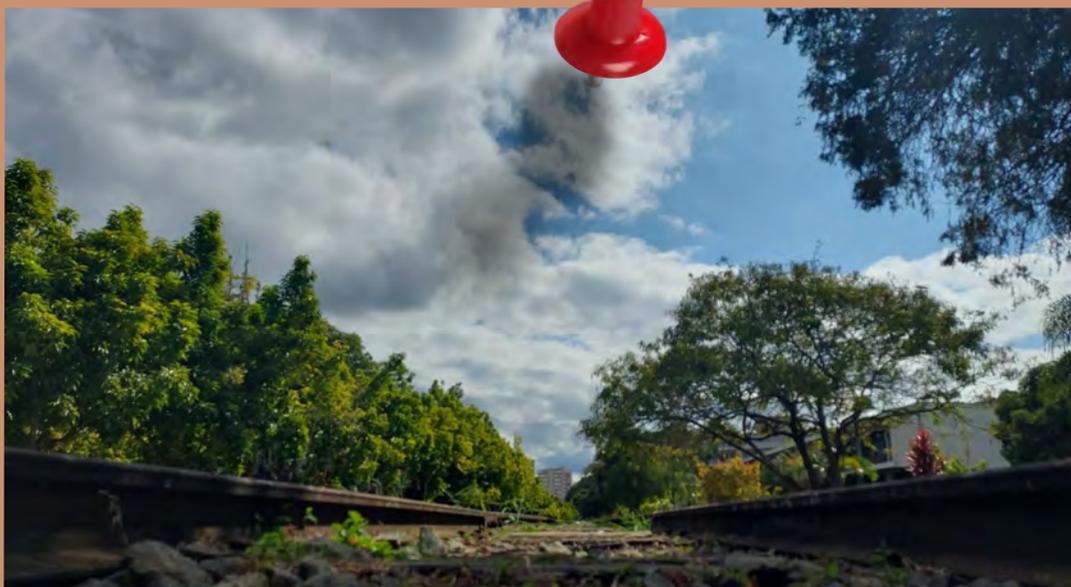
Fotografia tirada em longa-exposição, evidenciando o universo de uma forma que está além do que nossos olhos são capazes de enxergar. Gosto de olhar para cima: observar as estrelas me faz sentir pequena, e isso é bom. Me diminuo em frente a grandiosidade da natureza.
Céu de Lavras Novas (MG)

Por Nina Dias - @nin4dias





e - @imayrabarbosa



Houve um momento em que me deitei,
olhei pro céu e perguntei:
Que fizeste tu a ti mesmo?
Mas não obtive resposta.

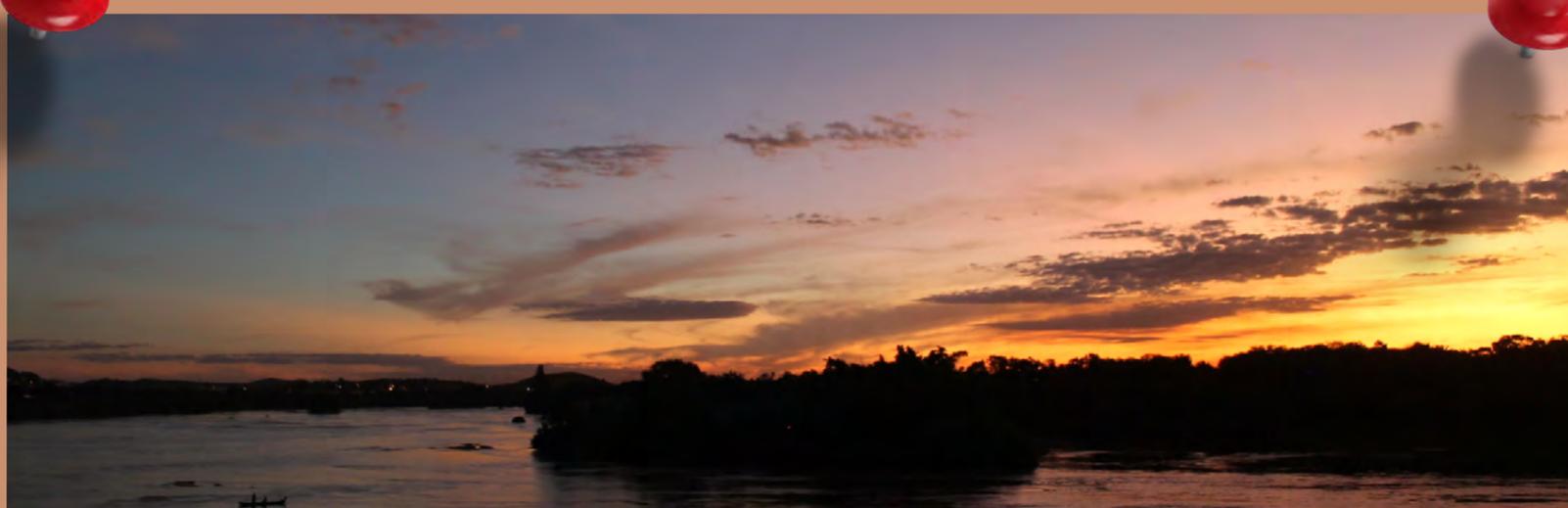
Então, olhei para mim mesmo
em busca da tal resposta
para uma pergunta que
nem eu sabia qual era.

Procurei profunda e desesperadamente
“Ainda não sei”, pensei, triste.
Eu estava ali, a sós, comigo.
Foi assim que compreendi.

A resposta estava nas coisas,
nas pessoas, no que era simples.
Estava em aproveitar o dia,
a sua e a minha companhia.

A resposta era você. Era eu.

Por Mateus Valente Bitarães



O céu e o Rio Doce em aquarela, com pinceladas em tons de amarelo e azul de um fim de tarde em Governador Valadares (Minas Gerais), a princesinha dos Vales

Por Lucas Silva Souza - @fotografolucasreis

BRASIL DOM S DE SAMBA E B DE BEN JOR



Foto Jorge Bem Jor: Natalia Bezerra By As fotos da Virada! - Jorge Ben, CC BY-SA 2.0

Foto Ipê: Foto de Carmel Arquelaou na Unsplash

Foto Samambaia: Foto de Lesley Davidson na Unsplash

O brilho da cultura brasileira na melodia de
Jorge Duílio Lima Meneses

Por Mariana Carvalho

Não é preciso mais que três palavras para encontrar um bocado de cultura brasileira quando pensamos em Jorge Ben Jor. Seja sob o céu do nosso país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, ou numa roda de samba de preto velho que é misto de maracatu, o cantor e compositor carioca traz em suas músicas uma mistura à moda brasileira com diversas influências culturais do nosso país. Sua obra presenteia o mundo com canções que trazem uma mistura de ritmos, estilos e influências, abordando temas que vão desde o amor e a alegria de viver até questões sociais e raciais.

Passeando pela orla da vida musical de Jorge Ben, podemos avistar o oceano refletindo a riqueza do lirismo e poesia de suas canções, onde as ondas da língua portuguesa e tradição literária do Brasil se encontram com a areia dos arranjos musicais formando uma maresia de metáforas e imagens poéticas para falar de amor, natureza e cotidiano. E assim, Jorge Ben faz uma prece a Deus para chuva parar de molhar seu divino amor enquanto o céu explode, um asteroide danifica sua astronave e o manda de volta para Terra, só porque ele sonhou com Barbarella.

Falando em paixão, o futebol também samba nas letras do cantor carioca. Flamenguista declarado e apaixonado, Ben entoa o gol de anjo de Fio Maravilha e os dribles desconcertantes e chutes maliciosos do camisa 10 da Gávea. E pra quem não sabe, ele lembra: goleiro é pra defender, defesa é pra



marcar, meio de campo é pra criar, o ataque é pra atacar e muitos gols marcar. Além desse magnetismo contagiante do futebol, Jorge Ben joga cantando e canta jogando com juízo, sem preconceito e sem maldade para os milhões de sul americanos brasileiros sobre a festa mais popular e amada do nosso país. E deixa avisado: em fevereiro, tem Carnaval! Trilha sonora indispensável para os foliões que dançam nas ruas e nos blocos. Te garanto que em algum lugar do DNA de todo brasileiro tem um gene que carrega a letra de "País Tropical".

Nessa partida futebolística de composições, Jorge Ben Jor marca um verdadeiro gol de placa ao proteger a herança da diáspora africana no Brasil, com álbuns politizados e repletos de orgulho, cantando sobre a liberdade e a identidade do negro no Brasil. Suas canções são homenagens à resistência africana contra a escravidão, celebrando seus símbolos e os nascimentos de ventres livres.

E nesse vai e vem da maré do passado e do presente, ele fala para João não desanimar não, pois ele vai poder descansar, sem corrente para atrapalhar, vai poder brincar feliz e vai poder estudar.

Refletindo as transformações sociais, políticas e culturais do país, suas canções são mais do que expressões artísticas; elas são documentos vivos que narram a história do Brasil por meio de suas letras e melodias. Nos Sambas de Jorge Ben Jor dançam as Terezas, Domingas, Domênicas, Aparecidas, Magnólias, Jesualdas, Carolinas e Bebetes. Um samba como esse tão legal, ecoa as cores do Brasil com alegria, sensualidade, diversidade, ternura, desejo e muita malíciaaaaa.

ALGUMAS INDICAÇÕES DE MÚSICAS DO JORGE BEN JOR



Zé Canjica



Chove chuva



Por causa de você menina



O telefone tocou novamente



Taj Mahal



Força Bruta



Curumim Chama Chumatã



Ponta de Lança Africano



Comanche



Salve Simpatia

FUTEBOL E MÚSICA: A IMAGEM DO BRASILEIRO

Por Lucas Sócrates Santos Atanázio



Foto Garrincha: Imagem: Reprodução / Alma Preta
Foto Afonsinho: Reprodução / Acervo Pessoal

Foto Zico: Reprodução
Foto Pelé: AFP/SCANPIX, Public domain, via Wikimedia Commons
Disco: Foto de Markus Spiske na Unsplash

O futebol, para o brasileiro, é mais uma das instituições que definem o complexo sistema social da nossa cultura, junto da família e religião. “Você é filho de quem?”, “reza pra quem?”, “pra que time você torce?”. A força com que essas três instituições imperam no “ser” brasileiro são encontradas em variados meios de expressão, como na literatura, nas artes plásticas e na música. Bom, se o papo é sobre identidade, é fundamental conhecer a estrutura social desse organismo que é, por si só, popular, e que ocupa espaços democráticos como uma partida de futebol, feita com uma bola de meia e um campo aberto. A música também se espalha por aí a partir de ritos e festas tradicionais, trazendo questões que, apesar de identitárias, são exclusivas às comunidades.

Quando a modernidade alcança o país, na entrada do século XX, a discussão se volta para a busca de um “sujeito” essencialmente brasileiro. Junto disso,

a música se encarrega da inconsciência coletiva da identidade brasileira e passa a se tratar de uma cultura popular nacional unificada. Como síntese desse processo, nasce a MPB, com movimentos musicais que se ocuparam diretamente de objetos cuja definição dos mesmos era o “brasileirismo” deles: o bendito futebol. Cooperando para o sentimento de pertencimento e identificação de “um país moderno”, o futebol e a MPB seguem potencializando a emancipação do negro brasileiro, enquanto identidades extremamente racializadas e à margem da sociedade ao passo que se tornam símbolo de identificação para a nação. Nas imagens de Pelé e Garrincha e em canções como “Umbabarauma, O Ponta De Lança Africano” e “Filho Maravilha”, de Jorge Ben Jor, ocorre a afirmação cultural do culto a africanidade, ponto principal para encarnação do “ser brasileiro” estampada em duas frentes populares: futebol e música.

Para captar o visual
De um chute a gol
É a emoção
Da ideia quando gíngia, a-la-la
ideia quando gíngia, a-la-la

Em outras músicas como “Geraldino e Arquibaldos”, de Gonzaguinha, a imagem do jogador de bola, enquanto raça e nação, estampa em um cartaz o manifesto que lembra a velha divisão dos estádios entre a “geral” – ala popular – e a “arquibancada” – restrita e cara. Mas essa adaptação do futebol não fica somente nas vias da memória racial, há músicas dedicadas aos ídolos que são o resumo daquele que torce. Jorge Ben em “Camisa 10 da Gávea” homenageia Zico e dá sentido estético ao esporte, que deixa de ser guerra e passa a ser a mais fina arte do corpo. Gilberto Gil também dedica um excelente trabalho ao grande Afonsinho em “Meio de Campo”, reivindicando a autonomia do jogador diante do clube e exaltando a luta proletária brasileira.

Entre os grandes músicos preocupados com essas homenagens do país e da população, temos os Novos Baianos. Antes de serem um grupo musical, eles eram ‘FC’ – uma sigla que representa a coesão da cultura brasileira. Juntamente com João Bosco em sua música ‘Linha de Passe’, exaltam nuances do jogo e a conexão do brasileiro. Essa iniciação futebolística serve como introdução à cultura, onde se canta sobre ser brasileiro e como a relação com o futebol está intrinsecamente ligada à identidade nacional.

Finalizamos essa viagem ao som de “O Futebol”, de Chico Buarque, que além de criar a tensão literária em torno do futebol e dar vida ao movimento, faz uma bela metáfora com o personagem João. Quem é João? O nome mais popular. E quando Chico brinca de driblar o João e lembra do Mané (Garrincha), faz do brasileiro pé de igualdade ao jogador. Se há algo inquestionável do futebol, é que ele é praticado por pessoas. Brasileiros e brasileiras que têm o dom de jogar o esporte de pés.

Prezados amigos Afonsinho
Eu continue aqui mesmo
Aperfeiçoando o imperfeito
Dando um tempo, dando um jeito
desprezando o perfeito

Filho Maravilha, nós gostamos de você
Ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih
Filho Maravilha, faz mais um pra gente ver
Ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih

É falta na entrada da área
Adivinha quem vai bater?
É o camisa 10 da Gávea
É o camisa 10 da Gávea

No campo do adversário
É bom jogar com muita calma
Procurando pela brecha
Pra poder ganhar

É lá vem por-tela que vem Marquês de Pombal
A marink-velga, o Val-da-Valsa, e hoje em dia
Tala a bola, é sala, estola, cola, é pau a pau
Da era Tirlesa, o Garrincha, a Galeria

Joga bola jogador
Joga bola jogador
Joga bola jogador
Joga bola jogador

FESTIVIDADES NA MEJA: A CULINÁRIA QUE UNE O BRASIL

Explore as comidas típicas que fazem as celebrações brasileiras se tornarem um banquete cultural.

Por Ester Barbosa



Freepik

Quando falamos sobre festas tradicionais brasileiras, é impossível não pensar em um assunto: a comida e seus diferentes pratos e bebidas que marcam presença sobre nossas mesas e destacam a riqueza da culinária brasileira. Mas, o que não pensamos é que para além de um quitute que satisfaz o paladar, existe também uma rica herança cultural recheada de tradições e significados. Ao explorar a nossa variedade gastronômica festiva, percebemos o reflexo das influências externas, resultando em uma mistura de cultura.

OKTOBERFEST

Comemorada no mês de outubro, a Oktoberfest de Blumenau é conhecida por ser um dos maiores festivais de tradição germânica da América Latina. A conexão cultural trouxe para as mesas brasileiras comidas originalmente da cultura alemã. Em meio às barracas de exposições, danças e desfiles, os pratos mais vendidos durante o festival incluem o famoso schweinshaxe (joelho de porco acompanhado por adicionais), o pretzel, que é servido como um pão em formato de nó, o chucrute com molho fermentado e as salsichas acompanhadas de curry.



PEXEL

CÍRIO DE NAZARÉ

Celebrando a devoção de Nossa Senhora de Nazaré, a festa paraense carrega consigo uma forte simbologia religiosa e gastronômica. O evento anual representa a imersão da fé e da cultura local, por meio de seus pratos populares, como o pato com caldo de tucupi, geralmente extraído da mandioca brava; o jambu, que causa uma sensação temporária de dormência na boca; o famoso tacacá, feito com a goma de tapioca e misturado com camarão seco; o caruru, preparado com quiabo e temperado com azeite de dendê; e os peixes regionais, servidos com arroz e farinha de mandioca.



CARNAVAL

A maior festa do Brasil também não fica de fora quando falamos sobre pratos típicos. Fortemente influenciada pela cultura africana durante os tempos de escravidão, a celebração carrega uma significativa presença de alimentos que foram parte da história do Brasil, moldando atuais aspectos culinários presentes na nossa cozinha. Nessa ocasião, os foliões tem a oportunidade de desfrutar pratos como a feijoada, o acarajé e a moqueca de peixe. Além disso, as receitas podem ser incrementadas por temperos marcantes como o coentro, o pimentão e o açafraão.

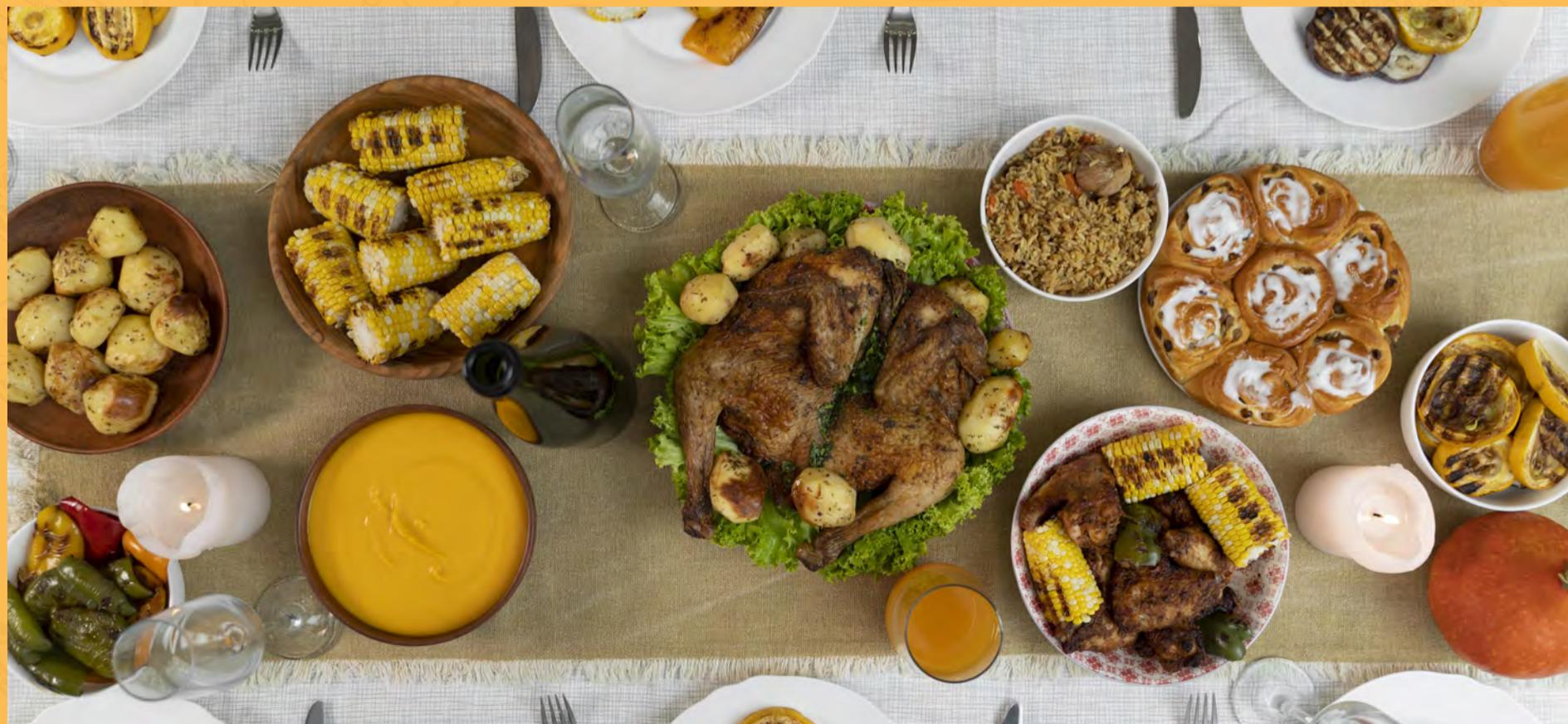
FESTA JUNINA

Com origens na tradição popular europeia em homenagem a São João, São Pedro e Santo Antônio, e unidas à cultura indígena e africana durante o período colonial, as iguarias juninas contam com uma vasta opção de sabores. Ao passar dos anos, a celebração aderiu costumes da agricultura, tendo em suas principais receitas alimentos à base de milho, como a pamonha doce ou salgada, o curau, a pipoca, a canjica e as broas. Além de outros alimentos provenientes da colheita, como a mandioca, frutas da estação e amendoim.



Pinterest

Sabemos que o Brasil é um país que carrega influências culturais externas de diversas regiões do mundo, sendo uma verdadeira representação de uma forte herança histórica. Em um país multicultural e vasto, manter a culinária brasileira como um objeto de identidade cultural é importante para preservar as tradições e manter características e costumes próprios do nosso país. Essas iguarias não celebram apenas uma cultura local, mas mantêm vivas as origens e perpetuam princípios históricos.



Freepik

FEIJOADA: UM ÍCONE DA CULTURA BRASILEIRA

Conectando sabores e identidades



Por Denise Oliveira

A feijoada é um prato tradicional e popular da culinária brasileira, com versões de sua história que remontam aos tempos coloniais do Brasil. Durante o período da colonização portuguesa, os escravizados africanos eram trazidos para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, café e outras culturas. Reza a lenda que para alimentar os escravos, os senhores de engenho forneciam ingredientes considerados menos nobres, como feijão preto, restos de carne suína (como pés, orelhas e rabo) e embutidos (como linguiça e toucinho).

Sendo assim, os escravizados, muito criativos e habilidosos na cozinha, começaram a preparar um prato com esses ingredientes, cozinhando o feijão junto com os pedaços de carne, resultando em uma mistura saborosa e substancial. Esse prato era servido com farinha de mandioca e eventualmente acompanhado de arroz, couve refogada, laranja e outros complementos.

Mas essa não é a única versão do “nascimento” da feijoada, uma vez que acredita-se também que este prato teve origem no século XIX com base em um cozido feito pelos portugueses, e que a ideia de que a refeição foi criada por escravos não é verdadeira.

Pelo sim e pelo não, o que sabemos é que com o tempo, a feijoada foi se modificando e ganhando versões regionais pelo Brasil, incorporando diferentes tipos de carne e variações nos acompanhamentos. Hoje em dia, é considerado um dos pratos mais emblemáticos da gastronomia brasileira, presente em festas, restaurantes e lares em todo o país.

Além de seu sabor característico, a feijoada também simboliza a mistura cultural do Brasil, refletindo influências africanas, indígenas e europeias que se fundiram ao longo dos séculos para criar essa deliciosa iguaria. Pode-se afirmar, com toda certeza, que não há prato que melhor represente a fusão de culturas no Brasil do que a feijoada, que se tornou um símbolo gastronômico nacional.



“ Celebrada como um símbolo da resistência cultural, a feijoada transcende a mera culinária, incorporando séculos de história e sabores que refletem a riqueza da herança afro-brasileira na formação da identidade gastronômica nacional. ”

É encantador perceber a diversidade e a riqueza da gastronomia brasileira. Cada prato, ingrediente e tradição culinária não só alimenta o corpo, mas também conta histórias de um país vasto e multicultural. Continuaremos a explorar e celebrar as “brasilidades gastronômicas”, honrando nossas raízes e saboreando o que há de melhor na mesa brasileira.

DICA DE LEITURA

“Feijoada e Soul: A Construção do Imaginário da Cozinha Afro-brasileira”
Por Carlos Alberto Dória





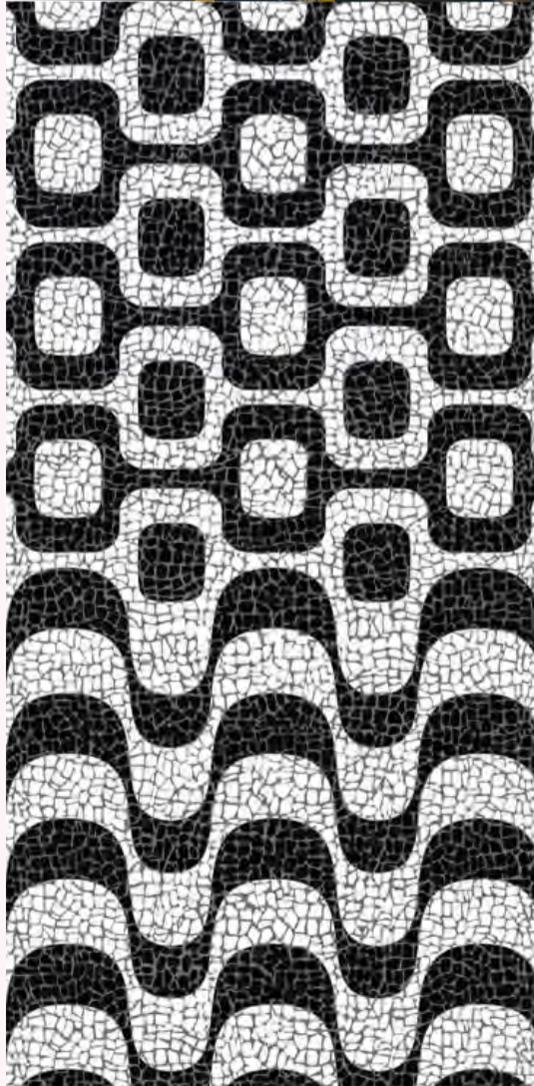
IDENTIDADE AMBIENTAL:

Caminhos para o futuro

Por Mateus Bitarões

Não é de hoje, mas é claro que o contato com o meio ambiente é uma marca brasileira — e é difícil dissociar um do outro. Nossas culturas, ritos, danças, músicas e culinárias carregam-no fortemente em seus seios. Como exemplo, pode-se olhar o carnaval e seus aspectos que remetem às flores e à tropicalidade; o som do tambor que ecoa no vento e reverbera na terra; os pratos típicos que vêm de nossas plantações e nos conectam com quem amamos. Por isso, entende-se que há uma interdependência entre a produção humana e a natureza.

Infelizmente, o modelo de desenvolvimento atual gera um grande impacto ambiental, que afeta não só as presentes gerações, mas também as próximas. Porém, essa problemática vai além dos poderes político e científico: é uma questão social e cultural. Dessa forma, a construção da identidade brasileira — de uma brasilidade — não pode deixar de lado o aspecto ambiental. É inegável o quanto a humanidade precisa mais da natureza do que o contrário — e que, quanto maior a negligência com



o desenvolvimento sustentável enquanto política de estado e de cultura, maiores serão os impactos para a sociedade, especialmente para grupos minorizados e em vulnerabilidade socioeconômica.

Atualmente, o assunto chega a causar o que chamamos de ansiedade ambiental. Quem nunca ficou tenso por não saber como será o futuro? Se haverá Terra habitável, ou seremos atingidos por uma catástrofe, por exemplo. Apesar disso, felizmente, há grupos que não se conformaram com a realidade: eles propõem que se continue a lutar para a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável e responsável.

É nesse panorama que um instituto de Viçosa/MG, chamado de ISAVIÇOSA, tem trabalhado em prol do Parque do Cristo. Esta unidade de conservação funciona não só como um espaço para conservação e regeneração ecológica, mas também como espaço comunitário recreativo para a população e de pesquisa científica para a universidade.

Desse modo, as ações promovidas fortalecem diversos aspectos cruciais para a construção de uma identidade que leve em consideração a educação ambiental e sustentável, o fortalecimento da cultura e da comunidade, além da preservação da natureza. Nessa ótica, o parque oferece oportunidades de recreação e de turismo ecológico ao realizar, por exemplo, visitas guiadas com estudantes do ensino básico, além de reuniões com pessoas do bairro para atualização das atividades executadas — o chamado “Café com o Parque”.

Ademais, os moradores são mobilizados na construção do senso comunitário, como na organização da feira “O que tem no bairro”, que busca fomentar a economia solidária e criativa local, assim como estreitar laços afetivos. Essas atividades ajudam na integração e na disseminação de conhecimento e conscientização acerca do propósito do parque.

Portanto, pensar nesse projeto — e tantos outros que existem no Brasil e no mundo — é pensar no futuro. É a oportunidade para a população civil refletir sobre pautas urgentes e decidir como desejam que sejam os espaços onde vivem. É o momento de destacar a importância da educação, da comunidade e da natureza. É lutar por uma identidade politicamente ecológica, diversa e inclusiva.



PT-BR e todas as suas variações: saiba mais sobre os dialetos brasileiros

Por Isabella Cardoso

A língua portuguesa é variada, possuindo diferenças - tanto na escrita como na pronúncia - dependendo do país ou mesmo da região. Devido às suas proporções continentais, o Brasil possui muitos dialetos regionais. Quantos, no entanto, não se tem certeza. Entre linguistas existem alguns debates quanto à divisão dialetal do país. Enquanto alguns dialetos (como o Caipira) estão bem estabelecidos, já tendo sido estudados o suficiente para possuírem uma delimitação geográfica e linguística consistentes, outros carecem de aprofundamento.

Os principais são:

serra amazônica:

Conhecido como “sotaque dos migrantes” por não ter tido um processo de formação linear, ele diferencia-se do nortista e do nordestino por ter uma fonética mais próxima do caipira e do sertanejo, devido às ondas migratórias para a região. Também sofreu influência do dialeto sulista, mineiro e carioca, mesmo que em menor grau.

sertanejo (ou catingueiro):

É uma derivação do dialeto caipira, mas também sofreu influência dos dialetos mineiro, sulista e nordestino devido às ondas migratórias em direção à região. Conta com 33,64 milhões de falantes.

gaúcho (ou sulista):

É influenciado pelo guarani (entre outras línguas indígenas), uma vez que a colonização portuguesa não chegou à região com a mesma velocidade com que atingiu o sudeste. A fonética gaúcha também demonstra diversas características derivadas do italiano e do alemão, devido às grandes ondas de imigração, além do espanhol, resultante da força da colonização espanhola nos territórios vizinhos.



TCHÁ ARREDA UAI

Nortista (ou amazofonia):

É considerado “brando” quando comparado aos outros sotaques brasileiros. É quase exclusivamente derivado do luso-indígena, com pouca influência linguística de outros povos.

Nordestino:

A fonética nordestina é muito influenciada pelo português europeu dos séculos XVI e XVII, além do francês e do holandês nas regiões ocupadas durante o período colonial. Também sofre muita influência de dialetos africanos, trazidos durante a escravatura.

Mineiro (ou montanhês):

É uma das regiões dialéticas intermediárias. Essa variante linguística foi demasiadamente influenciada pelos lusitanos, vindos de Minho que se estabeleceram na região, mas sofreu mudanças notáveis durante o período da mineração de ouro, ganhando características paulistas e nordestinas, em especial nos arredores da estrada real.

carioca:

A fonética carioca adotou muitas características do português lusitano falado pelas altas classes (e seus serviços) que vieram para o Rio de Janeiro junto à Coroa Portuguesa no século XIX. Antes disso, a maioria da população da região era composta por africanos escravizados, que também deixaram sua impressão no dialeto.

caipira:

A fonética caipira se deriva fortemente da língua geral paulista, ou língua geral meridional, uma língua franca e crioula formada na Capitania de São Vicente, onde agora é o estado de São Paulo, que chegou a ser a língua mais falada na porção meridional do Brasil. Sofre grande influência do tupi antigo, do guarani e do português arcaico falado por bandeirantes.

Imagem por Isabella Cardoso

HIPOCRISIA ”

“ MARKOWICZ

E VOCÊ AINDA SE PERGUNTA POR QUE RIR COM ISSO?

Por Hamilton Silva

A atmosfera de humor fora de tom que circula nas obras de Carolina Markowicz é tão proposital que podemos chegar a observá-la como uma assinatura incolor, mas extremamente sávida e odora da cineasta.

A diretora e roteirista ainda tem uma carreira muito curta em questão de longas metragens, com a primeira produção saindo apenas em 2022. Mas se nos basearmos em seus curtas, a história já é mais longa. O primeiro deles, “69 - Praça da Luz (2007)”, é um documentário sobre as prostitutas da Praça da Luz de São Paulo. Suas histórias são contadas de forma cômica por elas mesmas, que riem ao contar os diversos casos de suas vidas.

Sete anos depois, “Edifício Tatuapé Mahal (2014)” chega à luz dos projetores. Radicalmente diferente do antecessor, essa agora é a história de um boneco de maquete argentino que, após ser traído pela esposa, decide fazer uma cirurgia de mudança de acabamento. Desde então, outros 4 curtas vieram da mente de Carolina, que com eles se fez presente em mais de 300 festivais de cinema pelo mundo.

Um ponto importante na obra de Markowicz é a maneira com que ela cria suas personagens femininas. De acordo com a mesma: “Nos meus filmes as mulheres tomam atitudes erradas, mas tomam atitudes”, uma resposta direta à maneira que recorrentemente as mulheres são retratadas no cinema: mais parte do cenário do que da trama.

Outro traço que se faz presente nas obras da diretora é a lente pela qual ela apresenta o Brasil. Até agora ela não foi aos grandes centros, indo com seus longas mais para dentro de São Paulo, mostrando as visitas indesejadas não avisadas e as conversas tomadas com café recém-passado.

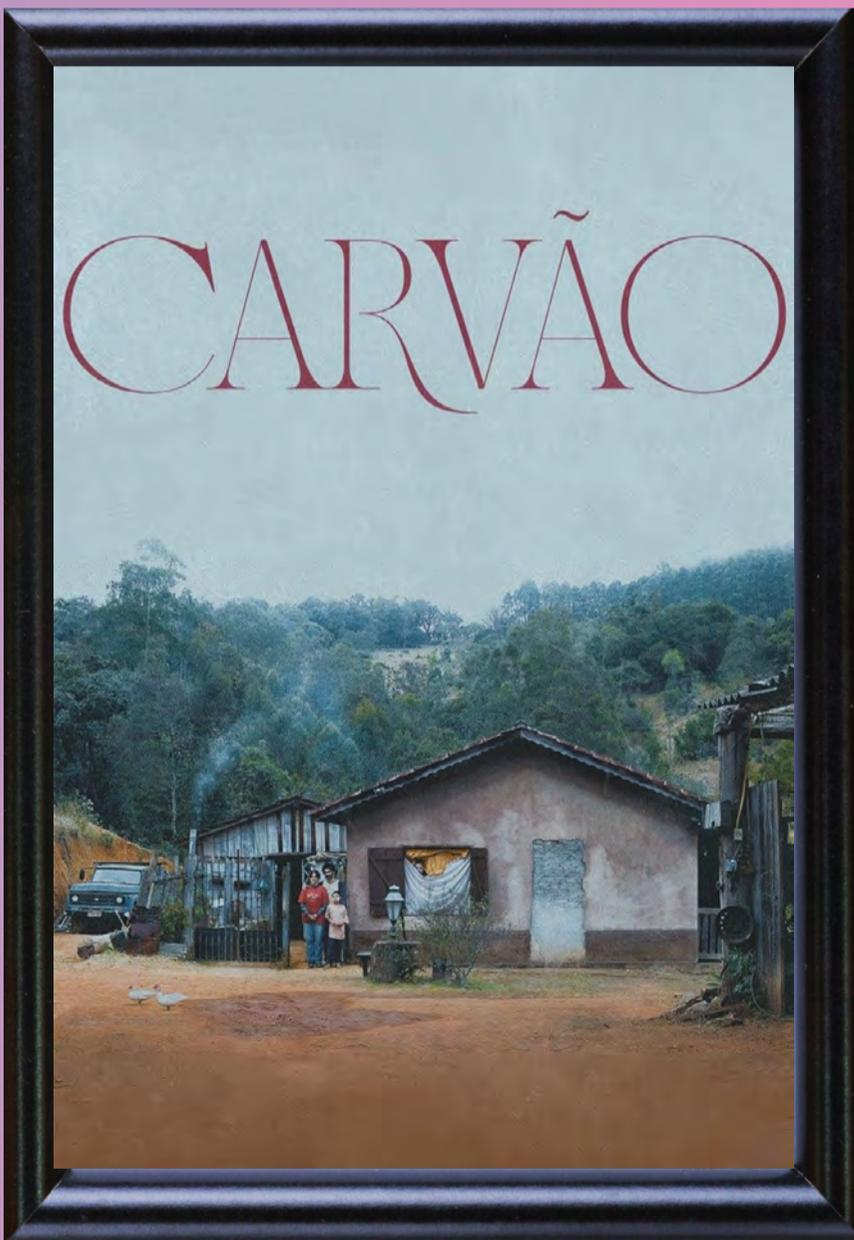


De forma cáustica, ela mostra o que os vizinhos fazem no silêncio da noite, construindo toda a narrativa com o que os conhecidos que moram ao lado escondem. Mas, por se apegar tanto ao interior brasileiro, a trama se complica, pois como você vai descobrir a vida alheia se a pessoa sem parentesco mais próxima, fica a um morro e meio de distância?

Por mesclar os atores com os próprios moradores da cidadezinha em que foi filmado, “Carvão (2022)” acabou construindo uma atmosfera muito natural do viver em cidade pequena. Apesar de ainda ficar com as lentes mais apontadas para os personagens que para o lugarejo, Carolina pincela bem o que é um Brasil interiorano.

Longe do clássico centro de São Paulo se passa o primeiro longa da diretora, de forma distante das grandes novelas que acontecem em Vila Madalena, com empresários e cantores indo de lá para cá. Aqui os personagens, que são apenas bons frequentadores da única igreja da cidade, combinam os cornos que irão dar nas esposas pelo WhatsApp, enquanto decidem no grupo da família qual prenda escolher para a barraquinha. Hipocrisia é o nome do meio dos seres humanos de Markowicz.

Você pode rir ou chorar com Carolina, apesar de que para altas gargalhadas outros filmes são recomendados. Aqui o que fica em voga são os questionamentos, às vezes sobre o que compõe a família brasileira, em outras ocasiões a dúvida reside nos vizinhos. Mas a pergunta que aparece com mais frequência é “por que eu estou rindo disso?”.



Filme Carvão (2022) / FreePik



ENTREVISTA COM RAÍSSA ROSA

“

NÓS VENDEMOS UM PRODUTO:
UM FUTURO MELHOR”

Raíssa Rosa nasceu em Duque de Caxias (RJ) e mudou-se para Viçosa em 1993, onde concluiu o ensino médio e se formou em Ciências Sociais pela UFV. Mestre em Educação pela UFBA, é especialista em educação em periferias urbanas.

Ao longo de sua trajetória, Raíssa atuou em diversas iniciativas ligadas à educação, relações étnico-raciais e políticas públicas, tendo sido coordenadora e presidente da ONG Casa Cultural do Morro. Atualmente, é doutoranda na UFBA, onde pesquisa o impacto das políticas públicas na reconstrução afetiva de famílias periféricas. Sua atuação reflete um compromisso profundo com a transformação social, acreditando no poder do afeto, da arte e da cultura para construir um futuro mais inclusivo e justo.



Amplie: Como surgiu a Associação Carla Rosa?

Raíssa Rosa: A ACR nasceu em 2012, no alto da comunidade “Rebenta Rabicho”, sendo eu e Ana Luiza Figueiredo as fundadoras. O projeto é tudo aquilo que a sociedade patriarcal capitalista não quer: a institucionalização e o poder na mão de mulheres pretas periféricas. O projeto começou após uma reunião de moradores para reclamar sobre uma política pública de urbanização no bairro, sendo essa uma estratégia política para poder conquistar votos num ano, como este, de eleição. Na época, eles estavam asfaltando o morro, mas o local estava uma bagunça. E, durante esse momento, as crianças brincavam sem ligar para o que estava acontecendo. Literalmente, era um problema de adultos, e eles estavam fazendo da tragédia, uma arte.

Assim, eu e Ana Luiza, que éramos estudantes de Ciências Sociais e de Arquitetura e Urbanismo na UFV, respectivamente, estávamos com uma câmera fotográfica, e as crianças pediram para tirar fotos. Até hoje, o que mais me impactou foi uma criança falar “vou tirar uma foto de Deus”, levantar a câmera e focar em um pedaço de uma casa na favela e no céu azulzinho. Isso mostra que, em meio a tragédia, ela conseguia ver Deus. E as crianças da comunidade perguntavam: “Que dia que vai ter mais atividade com máquina?”. Então a gente começou a tirar fotos com as crianças, surgindo o “Crianças Arteiras”. Depois disso, começamos a entender o que procurávamos. E foi crescendo, chegando mais gente. Fazíamos tudo na rua, mas nem sempre a rua educa - quando educa é uma educação violenta. Então vimos a necessidade de termos nosso próprio local e assim veio a Casa Cultural do Morro.

No projeto, minha mãe, Carla Rosa, é a presidenta; e o saber técnico vem por meio das minhas mentorias e estratégias; e o saber ancestral vem das matriarcas. Infelizmente, essas mães não sabiam educar de forma afetuosa, uma vez que vieram de uma educação colonial.



A: Vocês começaram na rua e depois conseguiram a sede. Como foi isso?

R: Nós imprimimos as fotos das crianças e batemos de comércio em comércio, pedindo R\$30,00. Quando nos questionavam, eu falava: “Preciso de seis meses. Me dê seis meses que te mostro como onde esse projeto vai”. E nisso, temos a Haskell conosco há 12 anos. Depois que aprendemos a estratégia do mercado, compreendemos que projetos sociais são empreendimentos. Nós vendemos um produto: um futuro melhor. O grupo “Pérolas Negras” aprovar 15 meninas na universidade, é um retorno social.

Quando começamos com a Haskell, não havia produtos para cabelos cacheados. Isso poderia já ser um projeto? Poderia, mas depois que começamos a questionar, eles surgiram. Então nós impactamos, assim como eles impactam nossas vidas. Às vezes as pessoas chegam na Casa Cultural com a autoestima baixa, e oferecemos um banho quente com xampu. É tratar a pessoa com humanidade. Não é todo mundo que tem R\$30,00 para comprar um xampu, e ainda tem o condicionador e o creme de pentear. Além disso, a vida toda elas ouviram que seus cabelos são feios e sujos. E não só as meninas, mas os meninos também.

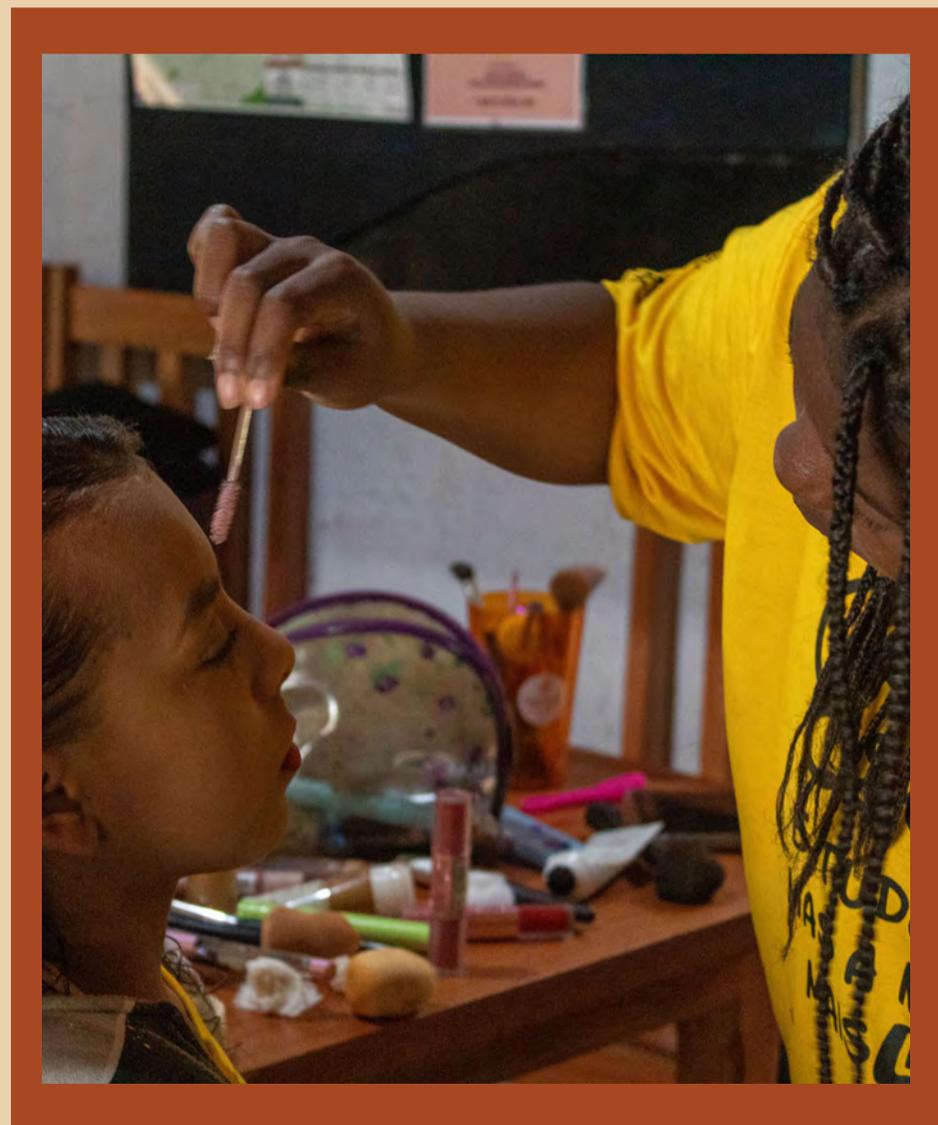
Quantas famílias são disfuncionais pelo fato de terem sido educadas por pessoas que não conheciam outra forma de educar? Cuidamos da educação dos nossos filhos e, para isso, a gente precisa reaprender. Então fazemos cursos, desenvolvemos melhorias, buscamos manter a terapia em dia. É reeducação. Então falar de projetos sociais é, também, falar de mudança de vida e comportamento. Quando mudamos o comportamento dessas crianças, temos uma sociedade mais amorosa, artística e expressiva. É assim a criminalidade vai diminuindo. Esses jovens passam a estar em lugares de poder, em lugares de repensar. Desse jeito ajudamos a quebrar toda uma estrutura racista que é manipulada.

É manipulada para achar que o nosso lugar não é na universidade, que não merecemos uma roupa boa. Aí vem a importância do funk, das meninas falarem que gostam de luxo, que não ficam “dando mole” para homem. “Está chorando por causa de homem por quê, querida?”. O deboche é a forma de maquiar o inimigo. É arte.

A: Qual é a importância dos trabalhos da ACR para sua vida?

R: Nossa! Na minha vida, não tem preço. A ACR é minha filha mais velha. Não tem preço que pague você ver uma criança se transformando, chegando em você e falando: “Eu consegui”. Política pública não tem preço, pois é o esforço de uma nação inteira para educar uma criança. E me dá orgulho cada dia mais! Todo dia falo com meus meninos: “Olha, se você for fumar maconha, vê se arruma uma maconha muito boa. Manda uma foto sua lá na Alemanha, fumando de lá. Não seja preso por pouco, queira sempre o melhor”. Não tem como proibir, mas eu vou orientar.

Nossos trabalhos são veias que pulsam vida. Mais emotiva que eu, só a minha mãe (risos). Já perguntei qual foi o dia mais feliz da vida dela e ela respondeu: “Quando vejo esta casa cheia, quando eles me escutam e chegam pedindo “bença, tia Carla”. É saber que é um lar. Uma casa cheia de filhos. Tem brigas? Sim. Tem confusões? Sim. Tem “quem comeu o meu iogurte”? Tem. E por isso mesmo que é um lar. Nosso lar.



A: Conte-nos um pouco dos projetos que compõem a ACR.

R: A ACR é mantenedora do grupo “Pérolas Negras”, “Casa Cultural do Morro”, “Afeto para Florescer” e “Um Bom Lugar”. Temos muitos desafios com outras entidades mais velhas, que nos veem como iniciantes, já que temos apenas 12 anos de existência. Então nem todo mundo se sente representado pelas nossas ações e nem todos ainda compreendem que a nossa educação é comunitária.

O grupo “Pérolas Negras” trabalha com crianças; “Um Bom Lugar”, com jovens e cultura urbana; “Afeto para Florescer”, com saúde mental das mulheres pretas e periféricas. São ideias muito novas para o sistema, sabe? “Como assim vocês vão valorizar o rap, o funk, a festa na rua? Vocês vão pegar dinheiro para isso?” Duas vezes, policiais já entraram armados na Casa Cultural. Temos que falar que somos do Ministério da Cultura. E na própria universidade, diversas vezes, já ouvimos “lá vem ela de novo falar de cabelo”.

Mas manter os projetos é tranquilo. É ter comida, atividades, aluguel e contas em dia. Mas sempre nos perguntamos se vai dar para cuidar de tudo. E quantas vezes já ouvi: “Nem parece que é a diretora, tava limpando o banheiro”. Não é porque sou diretora que vou deixar de fazer as coisas mais básicas da casa. Eu posso lavar a xícara de café. Porém, o nosso desafio mesmo é lidar com uma sistema racista, machista e etarista que, às vezes, não compreende que os mais novos e os mais velhos podem, e devem, dialogar.

A: O tema da nossa edição é Brasilidades. Como você vê o projeto nesse contexto?

R: Mais Brasil que a gente, não tem. Deus me livre se a casa não fosse afro-brasileira! Na comida, na falazada, nas espadas-de-São-Jorge, no altar, nas pinturas: tudo respira brasilidade. Quando a casa fica pequena, colocamos as crianças para brincar na rua. Temos um placa dizendo: “Na cozinha todo mundo mete a colher”, porque, se você contar algo na cozinha, todo mundo vai dar pitaco. Isso é brasilidade, é a nossa vida! Nossa decoração com chita, panela velha, geladeira que bambeia com calço de papelão. Isso é Brasil.

E, pro futuro, sonhamos com um terreno no alto do Rebenta, que dá de frente para as favelas. A ideia é construir uma escola, uma academia com valor social, um supermercado... Um império! Pra quê sonhar pequeno? Sonhar pequeno ou grande dá o mesmo trabalho. Meu sonho para o futuro é ficar velhinha e contar nossas histórias.

Siga a ACR



OFICINA NA E. E. RAUL DE LEONI

TEMA: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO RECONHECIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA

A Revista Ample, sendo um projeto de Extensão da Universidade Federal de Viçosa, tem como um de seus principais pilares a integração entre a universidade e a comunidade local, promovendo uma troca de conhecimento e experiências que enriquecem ambas as partes. Como parte dessa missão, realizamos uma oficina com o 9º ano da Escola Estadual Raul de Leoni, em Viçosa, com o intuito de aproximar ainda mais a academia do ambiente escolar e contribuir para o desenvolvimento dos estudantes.

A oficina foi planejada para oferecer debates que trouxessem à tona questões relevantes para os alunos, utilizando como base as matérias e temas

abordados nas edições da revista. A ideia central era não só discutir temas de grande importância, mas também mostrar aos jovens como podem articular esses debates por meio de textos dissertativos-argumentativos. Dessa forma, os alunos tiveram a oportunidade de exercitar suas habilidades de escrita e pensamento crítico, fatores essenciais para uma boa comunicação.

Um dos textos produzidos pelos alunos foi escolhido para publicação, e você pode conferi-lo aqui, reconhecendo o talento e a dedicação que esses jovens demonstraram ao longo do trabalho.

PARA REFLETIR

Como enfatizar a importância do respeito para a construção de uma identidade nacional inclusiva e justa para os futuros cidadãos por meio da educação?

EDUCAÇÃO E BRASILEIRIDADE

Por Pedro Henrique Silva de Oliveira

Atualmente, no Brasil, existem várias culturas e formas diferentes de viver. E, para compreendermos melhor essa diversidade em nosso país, bem como para repensarmos como valorizá-la, necessitamos de algo muito importante: a educação.

No meu entendimento, vejo que a educação básica brasileira é, sobre a temática, falha. Isso acontece pois não se fala tanto sobre o assunto, muito menos para uma melhor compreensão das nuances do que é ser brasileiro e como somos representados. Além disso, acredito que, no contexto escolar, o tema é abordado por meio de algumas palestras, desenhos e campanhas, mas não é tratado como prioridade e nem sempre é fácil identificá-lo nessas atividades.

Dessa forma, tenho para mim que as escolas devem abordar a questão da brasilidade como algo de extrema importância, uma vez que nossa identidade também é construída por intermédio da educação. Ademais, para além de palestras e de campanhas, aulas interativas, mais atrativas e direcionadas são necessárias para que todos os estudantes sejam bem formados e para que saibam lidar e respeitar as diferentes culturas e jeitos de se existir.

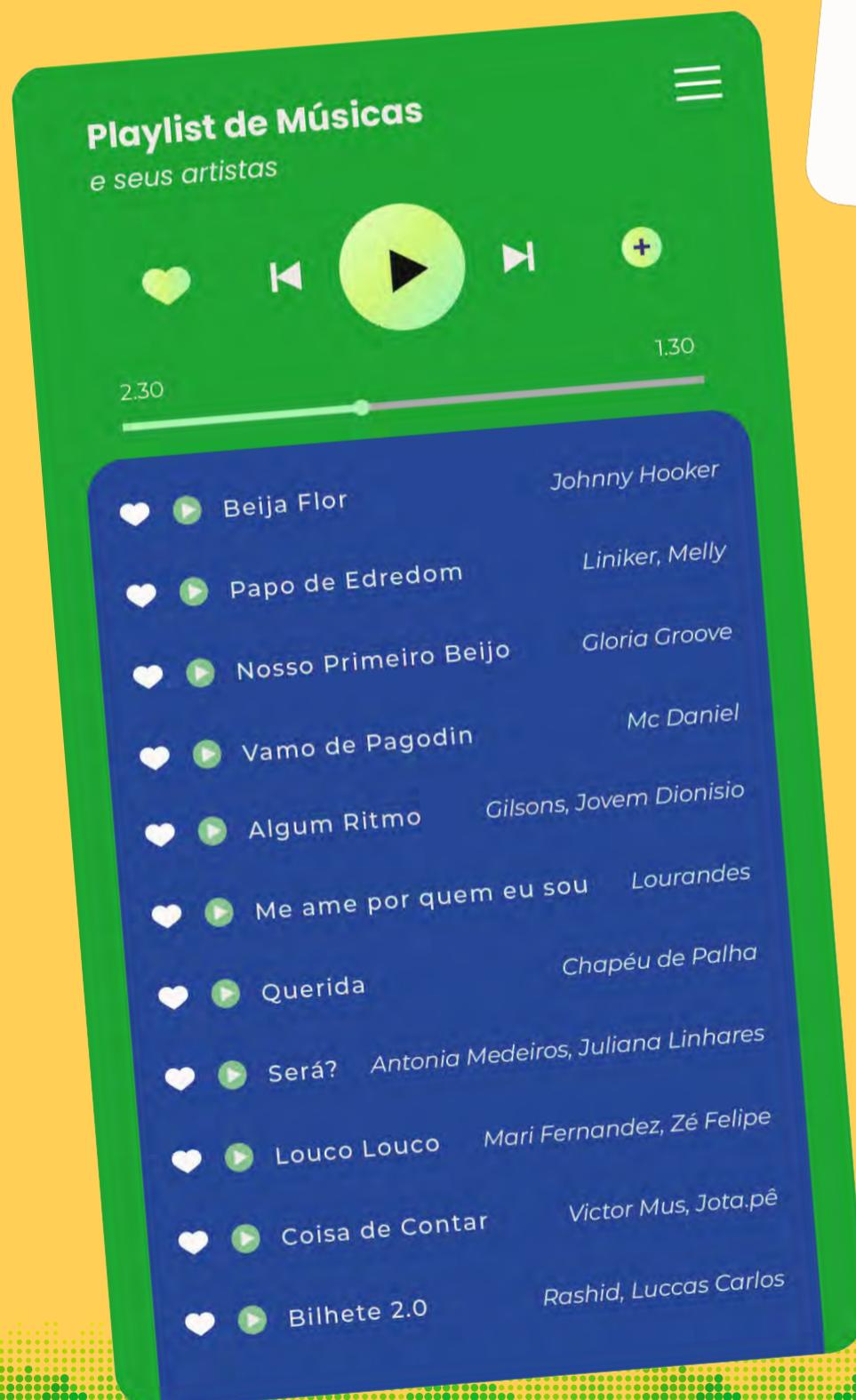
Diante de tudo isso, espero que a educação possa criar novos caminhos para se pensar a cidadania, o respeito e a diversidade. Que tenham novas formas de abordar o assunto. Que os jovens sejam bem preparados para viver em uma sociedade multicultural, na qual a sua brasilidade seja respeitada, no seu cenário sociocultural.



AMPLIE INDICA

LIVROS BRASILEIROS

- Contos Completos (Caio Fernando de Abreu)
- Tudo é Rio (Carla Madeira)
- Vista Chinesa (Tatiana Salem Levy)
- Sagarana (João Guimarães Rosa)
- Serpentário (Felipe Castilho)
- Saga Filhos do Éden (Eduardo Spohr)
- As meninas (Lydia Fagundes)
- A vida invisível de Eurídice Gusmão (Martha Batalha)
- Se a casa 8 falasse (Vitor Martins)
- A Torre Acima do Véu (Roberta Spindler)
- Um milhão de finais felizes (Vitor Martins)
- Quarto de Despejo (Carolina Maria de Jesus)
- Emma, Cobra e a Garota de outra dimensão (Maria Freitas)
- Como se fosse uma canção de natal (Litelton Firmiano)
- Os filhos da degradação (Felipe Castilho)
- Crônica da Casa Assassinada (Lúcio Cardoso)



Al
Con
par
São
Peq
idea
Pico
Uma
desl
Praia
Praia
Serra
Monta
Pouco



cartão de embarque

Ter do Chão (Pará)

Conhecida como o "Caribe da Amazônia", tem praias de água doce, paradisíacas e tranquilas, cercadas pela Floresta Amazônica.

Miguel dos Milagres (Alagoas)

Buena vila com praias paradisíacas e águas cristalinas, ideal para quem busca descanso e belezas naturais.

da Bandeira (Espírito Santo)

Entre as montanhas mais altas do Brasil, oferecendo trilhas deslumbrantes e vistas incríveis para os aventureiros.

da Rosa (Santa Catarina)

Localizada e preservada, com falésias e águas para surfar.

do Roncador (Mato Grosso)

Montanhas imponentes, cavernas misteriosas e rios de águas cristalinas. Conhecida, mas repleta de mitos e paisagens de tirar o fôlego.

EXECUTIVA

PASSAGEIRO

LEITOR

HORA

9:30

DE

AMPLIE

PARA

BRASIL

DATA

16 SET

ASSENTO

09

GASTRONOMIA BRASILEIRA

- Tacacá com Camarão (Acre)
- Vinho de Açaí (Amapá)
- X-Caboquinho (Amazonas)
- Guaraná da Amazônia (Pará)
- Caldeirada de Tambaqui (Rondônia)
- Caxiri (Roraima)
- Peixe na Telha (Tocantins)
- Sururu de Capote (Alagoas)
- Cravinho (Bahia)
- Baião de Dois (Ceará)
- Guaraná Jesus (Maranhão)
- Rubacão (Paraíba)
- Cajuína (Piauí)
- Torta Holandesa (São Paulo)
- Gíngua com Tapioca (Rio Grande do Norte)
- Galinhada com Pequi (Distrito Federal)
- Cajuzinho do Cerrado (Goiás)
- Maria Isabel Pantaneira (Mato Grosso)
- Torta Capixaba (Espírito Santo)
- Barreado (Paraná)
- Entrevero (Santa Catarina)
- Cartola (Pernambuco)
- Pirão de Leite (Sergipe)
- Chipa (Mato Grosso do Sul)
- Carreteiro de Charque (Rio Grande do Sul)
- Bolinho de Feijoada (Rio de Janeiro)
- Doce de Abóbora com Coco (Minas Gerais)



EXPEDIENTE

A “Revista Amplie: Jornalismo em parceria com a comunidade” é um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFV, sob o registro no RAEX: PRJ-200/2023.

Coordenação Institucional: Henrique Mazetti.



revistaamplie@gmail.com



@revistaamplie



EDITOR GERAL

Mateus Bitarães

ARTE DA CAPA

Diego Corrêa

DIAGRAMAÇÃO

DIRETOR:

Leonardo Amorim

ASSESSORES:

Denise Oliveira

Guido Maroni

Lívia Rodrigues

Millena Kelly

Natália Lana

Tiago Bueno

William Patricio

REVISÃO

DIRETORA:

Carolina Barreiros

ASSESSORES:

Bianca Brustolini

Cibelle Ferreira

Clara Justino

João Gabriel de Paula

Luis Felipe Furtado

Maria Júlia Lizaldo

Mariane Stér

Vitória Almeida

MARKETING

DIRETORES:

Ezequiel Barbosa

María Isabel Diogo

ASSESSORES:

Élice Gomes

Evelyn Sabino

Hamilton Alex

Vitoria Machado

ESCRITORES

Denise Oliveira

Élice Gomes

Ester Barbosa

Hamilton Silva

Isabella Cardoso

Jairo Levate

Lucas Sócrates

Mariana Carvalho

Mateus Bitarães

Pedro Henrique de Oliveira

